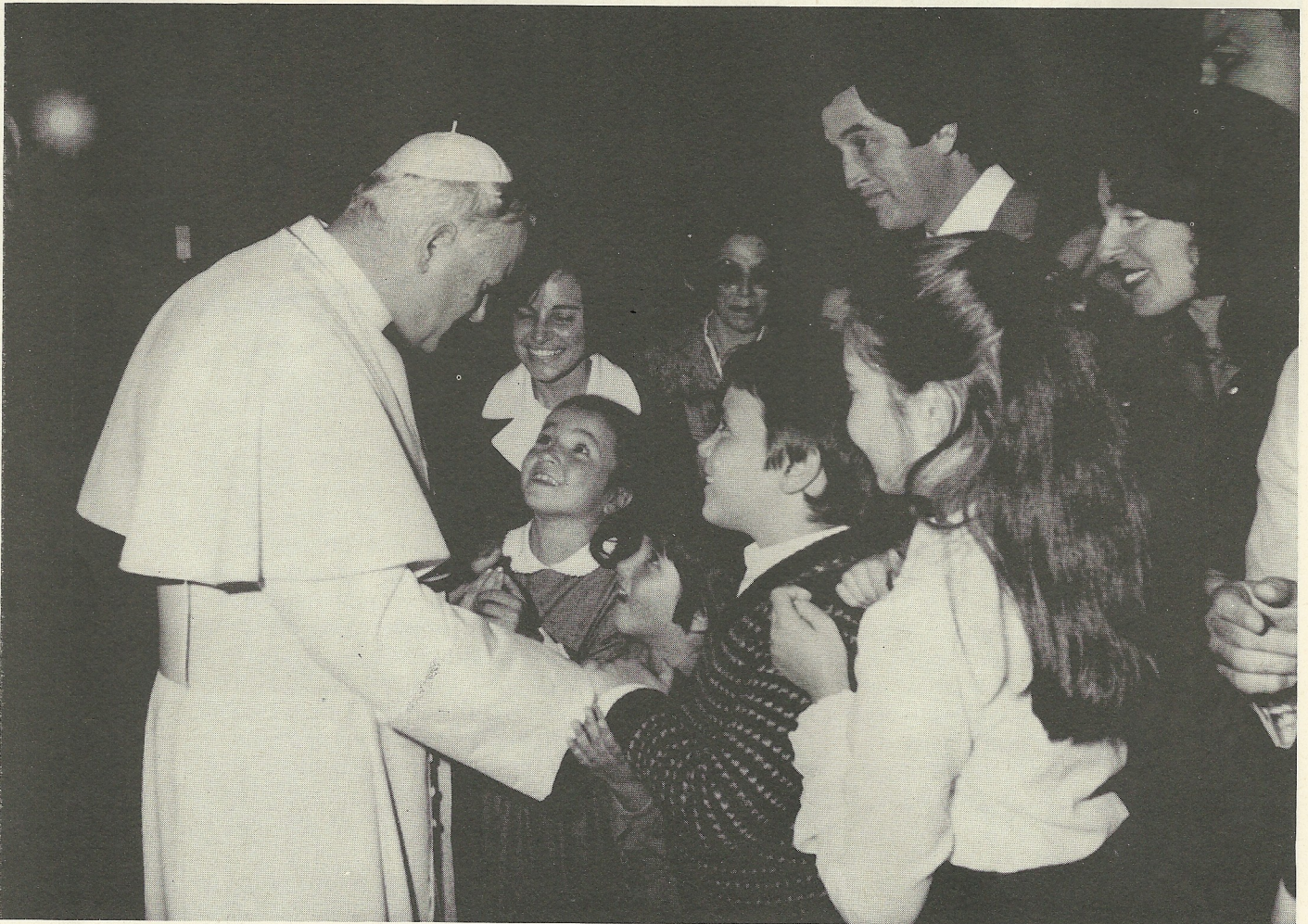


ENTREVISTA: Maria do Carmo Gaspar, a nossa entrevistada, no dia 12 de outubro de 1980 participou da Jornada da Família, durante a realização do Sínodo dos Bispos de Roma, e contou a sua experiência diante do Papa, dos integrantes do sínodo e do grande público que na ocasião lotou a Sala das audiências. Aqui ela nos conta suas impressões.



Na foto, Maria do Carmo está em segundo plano, ao lado do Papa.

Família em foco

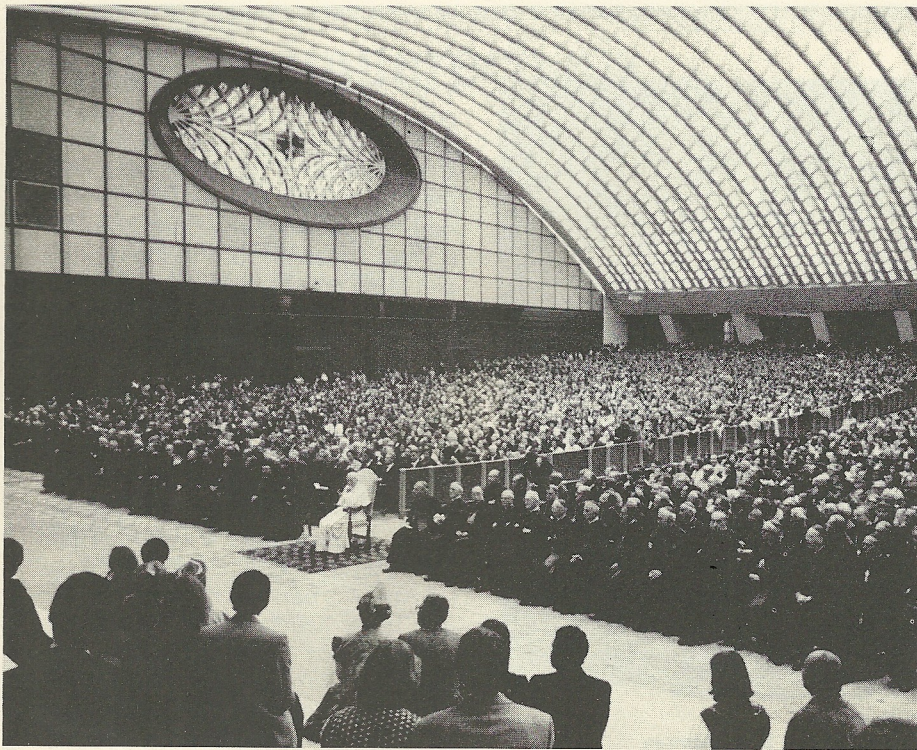
■ **Cidade Nova:** Como foi que você se encontrou em Roma, no período em que se realizou o Sínodo dos Bispos?

Maria do Carmo: Eu e mais alguns casais brasileiros fomos participar de um congresso em Roma. É claro que estando lá pudemos acompanhar de perto tudo o que acontecia no Sínodo.

Houve um dia em que pudemos participar mais diretamente. No programa das atividades do Sínodo havia a "Jornada da Família", no dia 12 de outubro, organizada pela "Comissão Pontifícia para a Família". Essa comissão havia convidado casais cristãos de diversas partes do mundo para dar seu testemunho de vida na presença do Papa,

dos bispos participantes do Sínodo e de uma multidão de mais de sete mil pessoas reunidas na sala de Audiências Paulo VI, no Vaticano.

Foi interessante constatar como, no mundo inteiro, há famílias empenhadas em viver profundamente sua fé cristã: na Coreia, Estados Unidos, Vietnam, Inglaterra, Líbano, Brasil...



Na sala Paulo VI, o Papa e os bispos do sínodo ouvem com muito interesse os testemunhos dos casais, durante a Jornada da Família. Este encontro foi preparado pela "Comissão para Família" – uma organização criada por Paulo VI em 1973 – que ainda se encarregou de convidar os "auditores" e de fornecer subsídios doutrinários e informativos aos padres sinodais.

Nessa ocasião também eu fui convidada a contar minha experiência como viúva.

Alternaram-se os mais variados testemunhos de noivos, casais de várias idades, ou de cônjuges que continuam sua vida de família sós, depois de viuvez ou separação.

Através deles tornou-se evidente para todos que, mesmo nas circunstâncias mais difíceis, a família pode viver o cristianismo autêntico e tomar o Evangelho como base da própria vida. O que nos dava grande esperança era notar o reflexo da vida dessas famílias em seu próprio ambiente, ajudando a formar bem ou a reconstruir outras em dificuldades. O Evangelho vivido mostra-se, dessa forma, capaz de resolver na base, através de uma generosa abertura para os outros, oprimidas situações de pobreza ou imoralidade. E, mais ainda, no esforço de educar e formar cristamente seus próprios filhos – e outras pessoas que ela atinge em sua ação – a família mostra que pode e deve continuar a ser elemento fundamental de promoção do homem na edificação de uma sociedade melhor.

Cidade Nova: Soubemos que alguns casais escolhidos tiveram uma participação mais significativa junto aos bispos do Sínodo. Como foi isso?

Maria do Carmo: Todos sabem que o Sínodo é uma reunião especial de bispos com o Papa. Mas muitos leigos, principalmente casais, foram convidados a participar de todas as atividades sinodais como especialistas ou "auditores". Foram escolhidos no mundo todo, devido a seus conhecimentos, empenho e autoridade no campo científico ou no campo da pastoral de família, como os Drs. John e Evelyn Billings.

A presença desses casais foi muito valorizada e por diversas vezes foi solicitada sua participação, tanto nas sessões plenárias, como nos grupos de trabalho, chamados "círculos menores", que tiveram um papel relevante na dinâmica do Sínodo.

O próprio Papa, em seu discurso de abertura, ressaltou a importância da presença dos leigos no Sínodo, dizendo que ele e os bispos sentiam uma grande necessidade da presença e do testemunho de famílias cristãs de todo o mundo.

E disse ainda que ficaria reconhecido se, nessa ocasião, os casais compartilhassem, com ele e com os bispos presentes, os dons de seu estado de vida e de sua vocação, através de suas experiências.

Muitos desses casais disseram depois que, participar do Sínodo foi para eles um enorme enriquecimento espiritual e uma oportunidade sem igual para se ter uma visão global da situação da família no mundo.

Cidade Nova: A imprensa em geral se interessou pelo Sínodo dando, porém, muitas vezes opiniões negativas ou superficiais. O que você acha disso?

Maria do Carmo: É claro que os setores da opinião pública que espera-



Pierette e Jacques Matta, de Beirute, apresentaram à assembléia sua experiência de casal e de família unida, durante o drama da guerra. «Por toda parte se respirava a morte – conta Jacques – várias famílias praticavam o aborto, pois estavam dominadas pelo medo e pela insegurança, mas nós decidimos ter o quinto filho, como um hino à vida, confiando tudo a Deus que é Pai. Há pouco tempo, nasceu uma menina. Chama-se Naila, que quer dizer "dom"».



O testemunho de Maria do Carmo

Eu estava casada há 15 anos e tinha cinco filhos. Procurava, juntamente com meu marido, construir nossa família em base à vivência do Evangelho. Em nossa casa havia alegria.

Um domingo, fomos com alguns parentes a uma represa, depois de participarmos da missa com os filhos. De repente vi que a lancha dirigida por meu marido havia virado, e somente dois de seus três ocupantes vieram à tona. Logo intuí a gravidade do acidente. Pouco depois, entendi que meu marido estava morto. Naquele momento pensei: "É amor de Deus, mesmo se não consigo compreender agora".

Eu tinha escolhido Deus como "tudo" de minha vida. Não estava, portanto, sozinha. Reuni os filhos que brincavam e lhes disse: "Vamos

oferecer papai a Deus". Desde aquele momento senti que o amor não se apaga com a morte, porque meu marido está vivo, mesmo que de outra maneira, e pode fazer muito mais pela nossa família agora, do que quando estava conosco. Os filhos, de fato, crescem na fé e no amor de Deus, mesmo com todas as dificuldades de uma família sem o pai.

Antes, trabalhávamos juntamente com outros em favor de muitas famílias. E continuo também agora a fazer o mesmo, junto a famílias de todas as condições sociais, principalmente em favor dos mais pobres. Trabalho, por exemplo, nas favelas das grandes cidades. E aí, justamente o Evangelho, que sempre deu sentido e segurança à minha vida, mostra-se motivo de desenvolvimento integral do homem e de comunhão

entre as pessoas. Vemos, com alegria, que as mulheres descobrem o sentido de suas fadigas domésticas e se interessam por aprender a costurar, a manter a casa limpa e harmoniosa, mesmo se pobre, a cuidar bem das crianças. Os maridos começam a se interessar mais pela família; resolvem preparar-se melhor para uma profissão, ou aprender a ler e escrever.

Deste modo, nascem famílias, cuja vida se irradia para as outras que lhes são vizinhas. É o caso de uma mãe que promoveu todo um relacionamento novo entre os vizinhos, começando a servi-los por amor, ajudando, por exemplo, a reconstruir o barraco de uma mulher que tinha ficado sozinha e doente.

Os efeitos deste modo de evangelizar podem ser constatados também no relacionamento conjugal. Num bairro pobre, por exemplo, surgiu um grupo de doze famílias que deixaram os métodos contraceptivos e quiseram aprender e aplicar os métodos naturais de controle da natalidade. Agora elas ensinam estes métodos a outras famílias.

Assim, estando disponível aos irmãos, encontro o meu lugar, como viúva, na sociedade, e a alegria de uma vida que quer ser Evangelho».



Paul e Mary Gateshill, da Grã-Bretanha, após apresentarem sua experiência de casal, cantam uma canção composta por Mary.

vam grandes mudanças num sentido permissivo ficaram desiludidos. Infelizmente as conclusões do Sínodo foram julgadas e interpretadas por grande parte da imprensa sob o prisma dessa desilusão.

É fácil notar como foram divulgadas somente algumas respostas em sentido negativo, deixando-se no silêncio indicações importantes para a vida da família, a defesa de sua dignidade e de seus direitos, para seu crescimento no sentido do amor e do serviço.

Por exemplo, poucos falaram da mensagem dos bispos e de como está aumentando dia por dia, em todas as partes do mundo, o número das famílias que se empenham em viver conforme o Evangelho. Ou então como, nessa mesma mensagem, os bispos assumem a defesa da família, que sofre verdadeiras violências por parte de governos e sociedades econômicas internacionais, como a falta de liberdade religiosa, do direito à educação e à procriação responsável. Dessa forma a fa-

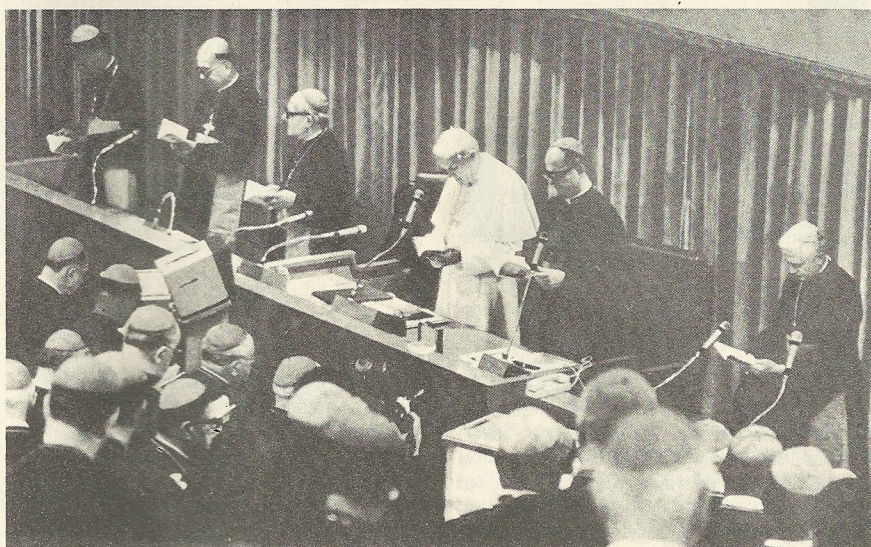
Valores imperecíveis

«Antes de tudo importa-me dizer: é preciso restituir confiança às famílias cristãs. Na tempestade em que se encontra, sujeita como está a acusações, a família cristã é, cada vez mais, tentada pelo desconforto, pela desconfiança em si mesma e pelo temor. Devemos portanto dizer-lhe, com palavras verdadeiras e convincentes, que ela tem uma missão e um lugar no mundo contemporâneo e que, para desempenhar tal missão, ela traz em si mesma formidáveis recursos e valores imperecíveis.

Estes valores são, antes de tudo, de ordem espiritual e religiosa: Há um sacramento, um "sacramentum magnum", na raiz e na base da família, o qual é sinal de uma frutífera presença de Cristo Ressuscitado no seio da família, assim como é igualmente fonte inexaurível de graça.

Mas estes valores são também de ordem natural: iluminá-los quando estão obscurecidos, reforçá-los quando estão enfraquecidos e reacendê-los quando estão quase apagados, é nobre serviço que se presta ao Homem. Tais valores são o amor, a fidelidade, o auxílio mútuo, a indissolubilidade, a fecundidade no seu significado mais pleno, a intimidade enriquecida com a abertura para com os outros, a consciência de ser a célula original da sociedade, etc.

A família é depositária e transmissora privilegiada de tais valo-



O Papa preside a uma assembléia sinodal

res. A família cristã o é a título novo e especial. Estes valores robustecem-na no seu ser e tornam-na dinâmica e eficaz no conjunto da comunidade a todos os níveis. Requer-se porém que a família creia nestes valores, os proclame impávida e os viva serena, os transmita e os propague».

Espiritualidade familiar

«Existe pois uma forma específica de se viver o evangelho no enquadramento da vida familiar. Aprendê-la e praticá-la é viver plenamente a espiritualidade matri-

monial e familiar. A hora de crise e de esperança, que está vivendo a família cristã, exige que um número cada vez maior de famílias descubram e ponham em prática uma sólida espiritualidade familiar no meio da trama cotidiana da própria existência. (...) A família cristã tem necessidade dessa espiritualidade para encontrar o equilíbrio, a plena realização, a serenidade, a abertura para os outros, a alegria e a felicidade».

João Paulo II
(do discurso às famílias, domingo
12 de outubro de 1980)

mília é quase sempre coagida a usar métodos que naturalmente repugnam como: a contracepção, a esterilização, o aborto e a eutanásia.

Por isso, achei muito válida a atitude dos bispos quando pediram que fosse redigida uma declaração que estabelecesse e assegurasse em todo o mundo os direitos fundamentais da família.

Cidade Nova: Como deveria ser, então, a família para poder desenvolver sua verdadeira função na sociedade?

Maria do Carmo: Antes de tudo, é preciso frisar que o mundo se transforma rapidamente oferecendo e exaltando novos valores, em detrimento daqueles que garantem uma vida digna

e humana. Muitos acham até que a família perdeu seu sentido e está destinada a desaparecer.

É necessário, portanto, que ela redescubra e recupere seus verdadeiros valores: o amor – que é a base de toda fraternidade – a ajuda recíproca, a fidelidade, a indissolubilidade do casamento, a abertura à vida e a disponibilidade aos outros. É preciso que a família readquira a consciência de ser a célula fundamental da sociedade.

Penso que sobretudo com o esforço cotidiano de viver coerentemente uma vida baseada no Evangelho, a família poderá desempenhar a grande tarefa que o mundo e a Igreja esperam dela. Em primeiro lugar, a de educar as novas gerações, porque quanto mais a família se torna cristã, mais se torna

humana e pode desenvolver amplamente sua tarefa de evangelização.

Realmente, as atenções da família devem-se estender a toda a família humana de tal forma que, testemunhando os valores evangélicos, possa promover a justiça social na fraternidade e abertura a todos, principalmente aos mais carentes, e influir eficazmente nos meios de comunicação de massa.

Cidade Nova: Na situação atual, você acha possível que a família possa reagir e chegar a uma influência desse tipo?

Maria do Carmo: É claro que não é fácil, mas a família cristã deve ter a coragem de ir contra a corrente e até mesmo de escolher, como dizem os

Comunicação às famílias e à Igreja do Brasil

Em nome dos Bispos que compuseram a delegação brasileira ao Sínodo, o presidente da CNBB Dom Ivo Lorscheiter resume nesta breve Comunicação o que foi o Sínodo, e como decorrerá o que se espera da Pastoral Familiar no Brasil hoje:

«Acabamos de participar do Sínodo dos Bispos sobre a Família, que se realizou em Roma, de 26 de setembro a 25 de outubro, sob a presidência do Papa João Paulo II. Foi uma forte e agradável experiência de colegialidade episcopal e de comunhão eclesial, de cujos resultados queremos brevemente falar nesta Comunicação. Foram muito eloquentes e enriquecedores os 163 discursos da primeira semana, bem como os laboriosos estudos em comissões na segunda semana. Um panorama diversificado foi aparecendo aos nossos olhos, feito de dados positivos e de visões de esperança, mas também de problemas e até de ansiosas perplexidades. Seria difícil dizer o que mais preocupou a Assembléia Sinodal: se as vozes do Primeiro Mundo falando dum vazio espiritual e moral; ou as vozes do Segundo Mundo expondo as opressões ideológicas e políticas; ou as vozes do Terceiro Mundo documentando a pobreza lamentável de numerosas famílias.

Procuramos apoiar as nossas intervenções e sugestões nas diretrizes dadas pela Comissão Representativa da CNBB em outubro-novembro de 1979. Por isso, como Delegados Brasileiros, defendemos principalmente as seguintes posições: a) Hoje em dia, a família é muito mais vítima das estruturas injustas da sociedade, do que seu agente transformador. Cumpre, então, evitando qualquer familismo utópico, investir num tipo de pastoral mais abrangente e orgânica, em que a família seja atingida no conjunto das forças sociais mais atuantes. b) Devemos partir da própria realidade das famílias, que, em sua imensa maioria no mundo inteiro de hoje, vivem condições de pobreza



D. Ivo Lorscheiter

não circunstancial nem provisória mas estrutural e progressiva: por isso a pastoral familiar deverá assumir a ótica da opção preferencial pelos pobres. c) Ao propor o desígnio de Deus sobre a família, convidando os homens a realizá-lo, não se limite a Igreja a apresentá-lo de maneira abstrata, mas procure encontrar uma pedagogia adequada às condições concretas dos homens aos quais se destina, sem lesar a verdade dos princípios, com plena fidelidade ao Evangelho. d) A ênfase sobre a pastoral familiar não induza famílias a se fecharem sobre si mesmas, mas ao contrário as leve a se abrirem para as legiões dos “sem-família” que se encontram privados do aconchego de um lar, ou porque nunca o conheceram (menores abandonados), ou porque dele foram afastados por causas mais diversas (migrações forçadas, abandono de um dos cônjuges, morte do parceiro, exílio, etc.). É necessário criar ou desenvolver nas famílias a consciência de que os sem-família têm um lugar de predileção na misericórdia de Deus e portanto devem constituir-se destinatários privilegiados do amor cristão que visa à integração de todos na grande família de Deus.

e) Na solução do problema demográfico, é preciso proclamar que as graves discriminações econômicas e sociais do Terceiro Mundo não podem ser resolvidas simplesmente reduzindo a população, sobretudo pelos recursos e métodos anti-éticos, mas antes pela transformação das relações internacionais e a instauração de uma nova ordem social.

Os frutos deste Sínodo são expressos em três documentos que devemos aqui sublinhar: No discurso de conclusão pronunciado pelo Papa na manhã de 25 de outubro, na Mensagem final do Sínodo às Famílias Cristãs no Mundo de Hoje, e nas 43 longas e objetivas “Proposições” votadas pelo Sínodo e entregues ao Papa com o pedido de ele publicar um documento sobre toda esta matéria; por isso tais proposições não foram entregues à imprensa.

Como conclusões nossas para o trabalho pastoral no Brasil em prol da família, permitimo-nos enunciar aqui os seguintes pontos: a) Nova atenção e novo vigor na Pastoral da Família, particularmente na preparação para a vida matrimonial e familiar. b) Esforço permanente para a conversão de mentalidades e transformação de estruturas, na defesa dos grandes valores humanos e morais, máxime do valor fundamental e primeiro que é a vida. c) Acompanhamento, estímulo e apoio à família nas Comunidades Eclesiais de Base e nas Paróquias. d) Empenho renovado no sentido de uma pastoral orgânica de conjunto, dentro do objetivo geral da CNBB, com fidelidade renovada à opção preferencial pelos pobres.

Na complementariedade maravilhosa dos diversos dons e carismas com que o Senhor a enriquece, toda a comunidade cristã ajude as famílias a serem cada vez mais cristãs, a fim de que essas, por sua vez, ajudem a sociedade e a Igreja a se tornarem sempre mais a grande Família de Deus».

(Do Boletim da CNBB)

bispos, um estilo de vida contrário à cultura e à mentalidade dominante ou aos comportamentos comuns no que diz respeito à sexualidade, à liberdade individual e aos bens materiais. Na família, a mulher deve encontrar e ocupar o seu lugar e realizar suas opções, pois, fundamentalmente, marido e mulher são iguais e as diferenças devem ser respeitadas mas nunca utilizadas para justificar a dominação de um sobre o outro.

Pode acontecer, no entanto, que mesmo com todo o esforço de viver o Evangelho e de observar as normas morais ensinadas pela Igreja, muitos

se sintam incapazes de colocá-las em prática. Mas nem por isso devem desanimar. Esse pode ser o momento decisivo em que o cristão, mesmo com dificuldade, deve fazer a experiência de acreditar na misericórdia de Deus e recomeçar. Verá, depois, que isso já foi um passo adiante na conquista da própria liberdade e na realização de sua vocação.

Cidade Nova: A seu ver, qual foi a mensagem principal do Sínodo?

Maria do Carmo: Penso que as palavras conclusivas da mensagem dos

bispos sintetizam, realmente, tudo o que foi dito a respeito do casamento e da família: “amor e vida”.

De fato, João Paulo II disse que a família cristã deve ganhar altura. E isso acontecerá na medida em que as famílias atuem estas duas palavras: amor e vida; na medida em que viverem a caridade, que o Papa definiu “o coração da família”. E a caridade, como ele afirma, “não pode ser vivida a não ser na Verdade”, isto é, na vivência das palavras de Cristo e na confiança total de que elas nos podem recompor e humanizar, apesar de nossa recalcitrância fraqueza. ■